

Introdução à discussão do trabalho *Pulsões, vocês têm uma vida?*, de Bernard Chervet*

Marli Bergel**, Porto Alegre

Este texto é uma síntese do trabalho Pulsões, vocês têm uma vida? e tem por objetivo introduzir a discussão em uma reunião preparatória para o encontro da SPPA com Bernard Chervet. O texto mostra que o autor, ao buscar compreender os motivos às resistências à noção de pulsão ao longo da obra freudiana, destaca o aspecto regrediente da pulsão. Segundo Chervet, Freud, ao constatar esta qualidade das pulsões, teria introduzido em sua teoria o supereu, que funcionaria como um imperativo de inscrição da libido na psique.

Palavras-chave: Chervet, pulsão, regressividade pulsional extintiva, imperativo de inscrição.

* Apresentado na SPPA em agosto de 2014, como introdução ao debate com o psicanalista francês Bernard Chervet, a partir da conferência *Pulsões, vocês têm uma vida?*

** Psicanalista, analista de criança e adolescente, membro associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

Iniciarei a síntese que procurei fazer do material que foi nos enviado por Chervet com aquilo que me parece serem os objetivos do autor com o seu texto:

- levantar hipóteses sobre os *motivos das resistências à noção de pulsão* concebida por Freud;
- salientar o *aspecto regrediente da pulsão* como a qualidade que mais resistência teria suscitado;
- sugerir que o *supereu* foi introduzido por Freud na teoria devido à constatação do caráter regrediente das pulsões e que este funcionaria como um *imperativo de inscrição da libido na psique*.

O autor considera que a menção às pulsões por Freud produz de imediato um efeito de resistência devido a sua natureza inapreensível, incognoscível, pois as mesmas só podem ser deduzidas da fenomenologia de seus efeitos, na medida em que não podemos esperar apreendê-las de outro modo que não seja pela conceituação. No entanto, pensa que este aspecto de incognoscibilidade não é suficiente para explicar-lhes as controvérsias.

E assim, Chervet vai ao longo do texto levantando hipóteses sobre as resistências a cada um dos três tempos da teorização freudiana sobre as pulsões, procurando compreender o que havia em cada um deles que mobilizou tantos questionamentos. Primeiramente, o autor define quais são estes tempos:

- primeiro tempo (dualismo entre pulsões sexuais e de autoconservação): ampliação do conceito de sexualidade, com o reconhecimento de uma sexualidade infantil que se faz presente nos sintomas e nos sonhos;
- segundo tempo: a introdução da tese do narcisismo (1914) que confere uma qualidade psíquica às pulsões de autoconservação e às pulsões do eu;
- terceiro tempo (dualismo entre pulsões de vida e pulsões de morte): a afirmação do caráter regressivo de todas as pulsões por sua tendência ao retorno a um estado anterior até alcançar o inorgânico.

Após definir os três tempos o autor questiona em nome do que os mesmos teriam sofrido oposições:

- o primeiro tempo em nome dos valores morais e estéticos;
- o segundo tempo em nome do risco de pansexualismo estendido à totalidade do corpo – o sexual de órgão – e do mundo – o animismo;
- o terceiro tempo devido a uma pretensa especulação filosófica, mas, na verdade, em nome da confusão que produz em nossa psique, refere o autor.

Apesar de o terceiro tempo ainda ser o que suscita as oposições mais intensas (gerando questionamentos acompanhados por tentativas de pensar a vida psíquica sem o conceito de pulsão, ou, pelo menos, sem o conceito de pulsão de morte),

Chervet considera que os outros tempos também não são tão bem aceitos como pareceria. Chama a atenção do autor que o *Middle group*, que teria resultado das controvérsias entre kleinianos e seguidores de Anna Freud (Londres, 1941 a 1945), foi justamente o grupo que deu menos espaço à noção de pulsão.

O autor relaciona as controvérsias na psicanálise com várias controvérsias científicas de outras teorias do conhecimento (astronomia, matemática, física, biologia) que também despertaram paixões sangrentas entre as facções. Pelo que compreendi, estas se dariam sempre entre dois pólos contrários, indicando o temor de se perder uma delimitação precisa entre um e outro, traduzindo-se num maniqueísmo acompanhado por uma intensa necessidade de convicção.

Então, ao longo do texto, Chervet vai mostrando a *presença da regressividade* em todos os três tempos da teoria das pulsões. Começa pelo primeiro dizendo que o que suscita reações neste não é tanto a introdução de uma sexualidade na infância, mas de uma *sexualidade infantil de natureza regressiva* que se apresenta nos sonhos, sintomas e fantasias.

Na verdade, escreve ele, o mais delicado de aceitar é a natureza sexual transgressiva subjacente à sexualidade infantil, certamente velada pelas produções psíquicas regressivas e pela censura que elas exercem, mas intuitivamente percebida, apesar de tudo, pela *qualidade regressiva* destas. A qualidade traumática da sexualidade infantil não estaria apenas na ameaça punitiva, mas também no *destino negativo da pulsão, como via regressiva aberta para um além do psíquico*.

O autor sublinha que, neste primeiro tempo, a regressão (no sonho, no sintoma) é mantida no âmbito da objetividade. Já no segundo tempo da teoria das pulsões (*Introdução ao narcisismo*), a regressão levaria à desobjetualização. Uma parte do sexual precisa investir no funcionamento psíquico do próprio sujeito, precisa ser retirada de outros objetos e transformada a fim de fundar o narcisismo. Com isso, um novo jogo de equilíbrio deve ser pensado entre esses dois tipos de investimentos, os que se voltam para os objetos e os que se voltam para a própria pessoa.

Então, a resistência quanto a este segundo tempo se daria devido à *tendência regressiva que levaria à desobjetualização*. Mas, além desta, Chervet sustenta que existe outra questão que desperta reações. O antigo conflito, pulsões do eu (autoconservação) - pulsões sexuais, permitia considerar que as pulsões do eu não eram de natureza sexual. A introdução do narcisismo vem perturbar essa base não sexual. A psicanálise de Freud é, então, tachada de pansexualismo.

Com a introdução do narcisismo, Freud dá mais lugar às “regressões corporais sensuais, às inscrições e facilitações proprioceptivas, à sensualidade, ao tônus vital” (Chervet, 2015, p. 218), refere o autor:

O sexual de órgão faz do próprio corpo o primeiro *objeto*. [...] Nesta nova concepção, a transgressividade se volta para o próprio corpo, que se torna uma zona erógena em seu todo. O gozo solitário e ilimitado [...] é suscitado. A onipotência jubilosa e triunfal de *Sua majestade, o bebê* (1914b), não consegue afastar o fascínio e a inquietude transmitidos por essa *regressão ao sexual de órgão*, apartada de qualquer relação com um objeto (Chervet, 2015, p. 218).

No período da *Introdução ao narcisismo*, Freud aborda a melancolia, a hipocondria e, depois, as neuroses traumáticas cujo quadro clínico é dominado por uma *negativação do trabalho psíquico onírico* (sonhos repetitivos e recorrentes). Segundo Chervet, Freud teve de reconhecer esse aspecto da *regressão negativa e ilimitada, da potência nefasta de forças regressivas*. Voltou, então, sua atenção para a compulsão à repetição, para a RTN e para as potências demoníacas que parecem trabalhar na destruição e no próprio desaparecimento do sujeito.

É nesse momento, pois, que Freud dá seu terceiro passo na teoria das pulsões concebendo um novo dualismo: pulsões de vida e pulsões de morte. No *Além do princípio do prazer* (1920), ele se apoia na metáfora biológica para completar suas proposições anteriores e apresentar a terceira qualidade das pulsões, considerada por ele como a mais fundamental: sua natureza regressiva até alcançar o inorgânico, que Chervet designa como *regressividade pulsional extintiva*.

O autor considera que este terceiro tempo vem embaralhar de forma definitiva toda a segurança que os analistas possam ter confiado ao que Freud teorizara anteriormente. O modo de conceber a dimensão traumática é totalmente modificado por esse terceiro passo. A partir daí o traumático é pensado em sua relação com a tendência extintiva de toda pulsão.

Frente ao imenso embaraço promovido, Freud deve ter pensado como atenuar o impacto traumático que ele causa, a si mesmo e aos seus mais fiéis companheiros, sem deixar de levar em conta sua nova descoberta da regressividade extintiva de toda pulsão? Sendo que esta qualidade nefasta diria respeito tanto às pulsões de vida quanto às de morte?

Conceber uma tendência extintiva à pulsão de morte é até fácil, assinala Chervet. No entanto, é muito mais enigmático concebê-la também à pulsão de vida. Pois, para que estado anterior pode tender a pulsão de vida? Freud, então, recorre ao mito de uma androginia primitiva que, em decorrência de um ato de *cisão*, teria dado lugar à diferença dos sexos e à vida sexual. Mas como traduzir

tal mito em termos metapsicológicos? O autor sustenta que a tendência redutora das pulsões de vida estaria em sua *extensão ao infinito* através de *Eros*.

Sendo assim, para Chervet, a *regressividade* se apresenta segundo uma dupla *regressividade extintiva*: por redução ao inorgânico, para a pulsão de morte, e por extensão ao infinito, para Eros.

Mas, para afirmar a proposição enunciada por Freud de que há duas pulsões originais, às quais convém reconhecer uma mesma qualidade regressiva extintiva, Chervet coloca que precisamos aceitar que nenhuma das duas possui vida própria, que a vida só pode resultar de um amálgama particular entre ambas. Assim, ou esse amálgama é espontâneo e se dá de acordo com flutuações diversas, ou este amálgama se realiza sob a égide de um terceiro termo que assume sua responsabilidade, que as transforma e reúne.

Chervet considera que Freud, em resposta a essa qualidade regressiva de toda pulsão, introduz em 1923 um terceiro termo – o *supereu* – que seria a garantia das operações implicadas nas diversas modalidades de trabalho psíquico e que cuida para que elas não se tornem transgressivas. O *supereu* intervém, portanto, para *reduzir a propensão extintiva* e para utilizar as pulsões com a finalidade de inscrevê-las como *pulsão psíquica*. Apresenta-se como um *imperativo de inscrição* da libido na psique.

Ou seja, à regressividade extintiva da pulsão deve se contrapor um imperativo de inscrição para que ela ganhe vida. Considerar esta regressividade permite entender a complexidade dos dois tempos do processo do *après-coup*, diz o autor. O imperativo que garante sua realização inscreve as pulsões no próprio fundamento da vida psíquica. Essa configuração em três termos vem substituir a equação de duas incógnitas, proposta por Freud em 1920, por uma equação de três incógnitas: pulsão de vida, pulsão de morte e imperativo de inscrição.

Para concluir, o autor considera que a pulsão só pode ser pensada em sua existência viva na relação com a noção de trabalho psíquico, noção esta que se torna obrigatória pela regressividade primeira da dualidade pulsional. Assim, tanto a pulsão de vida quanto a pulsão de morte não têm qualquer existência e vida em si. Para ter acesso à vida, elas devem sofrer uma primeira transformação que as funda como substância de vida, a de um ato fundador, ato que reduz sua tendência primeira extintiva. □

Abstract

Introduction to the discussion on *Drives, do you have a life?*, by Bernard Chervet

This text is a summary of the work *Drives, do you have a life?*, and intends to introduce the discussion in a preparatory meeting for the SPPA encounter with Bernard Chervet. The text demonstrates that the author, in trying to understand the reasons for the resistances to the notion of drive throughout Freud's work, emphasizes the regredient aspect of drive. According to Chervet, Freud, in observing that quality of drives, introduced the superego in his theory, which would function as an imperative of libido inscription in the psyche.

Keyword: Chervet, drive, extinctive regressivity of the drive, inscription imperative.

Resumen

Introducción a la discusión del trabajo *Pulsiones, ¿tienen ustedes una vida?*, de Bernard Chervet

Este texto es una síntesis del trabajo *Pulsiones, ¿tienen ustedes una vida?* y tiene por objetivo introducir la discusión en una reunión preparatoria para el encuentro de SPPA con Bernard Chervet. El texto muestra que el autor, al buscar comprender los motivos a las resistencias a la noción de pulsión a lo largo de la obra freudiana, pone de relieve el aspecto regrediente de la pulsión. Según Chervet, Freud, al constatar esta cualidad de las pulsiones, habría introducido en su teoría el superyó, que funcionaría como un imperativo de inscripción de la libido en la psique.

Palabras clave: Chervet, pulsión, regresividad pulsional extintiva, imperativo de inscripción.

Referências

Chervet, B. (2015). Pulsões, vocês têm uma vida? *Revista de Psicanálise da SPPA*, 22 (1): 201-226. Trabalho apresentado em agosto de 2014 na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

Freud, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In *Edição standard brasileira das obras*

psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 14, pp. 83-119), Rio de Janeiro: Imago, 1990.

Freud, S. (1920). Além do princípio do prazer. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 17-85), Rio de Janeiro: Imago, 1977.

Freud, S. (1923). O ego e o id. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 23-83), Rio de Janeiro: Imago, 1977.

Recebido em 19/01/2015

Aceito em 29/01/2015

Revisão técnica de **Vânia Dalcin**

Marli Bergel

Rua Mostardeiro, 5/902

90430-001 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: marlibergel@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA